

UM OLHAR DO ENUNCIADO JORNALÍSTICO SOBRE A PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO

Rebecca Mistura da Silva¹

Resumo

O presente artigo pretende analisar discursivamente como o jornalismo retrata a realidade dos trabalhadores de plataforma, com base em uma reportagem de vídeo exibida em 2020 pela Band TV. Como as escolhas enunciativas utilizadas pelo jornalista contribuem para a representação dessa categoria de trabalhadores? De que forma a seleção de palavras pode corroborar com a romantização de um trabalho altamente precarizado? Buscamos responder a essas e outras questões a partir das teorias linguísticas propostas por Bakhtin (1997), que englobam a definição de enunciado e sua característica dialógica, além do conceito de plataformização e contextualização do trabalho digital, embasados em Grohmann (2020). Na publicação analisada, os jornalistas envolvidos na reportagem trazem um dia no cotidiano de um trabalhador do UberEats, que mesmo com uma condição fragilizada visível de trabalho, tem sua situação amenizada pelas seleções enunciativas, que romantizam e não refletem acerca dos problemas enfrentados por ele.

Palavras-chave: enunciado; dialogismo; plataformização; jornalismo informativo.

Introdução

O Jornalismo, enquanto atividade exercida por enunciadores repletos de subjetividades e de elementos particulares indissociáveis – tal como sua história e realidade socioeconômica – e tendo a linguagem como sua principal ferramenta, esta que reflete o cenário histórico em que está inserida, jamais poderá ser praticado de forma neutra e imparcial. Dito isso, o presente artigo se propõe a ilustrar, a partir da análise de uma reportagem telejornalística veiculada na emissora Band, como o trabalho e seus desdobramentos nos últimos anos, por meio do braço digital das

¹ Acadêmica do curso de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação (FAC), da Universidade de Passo Fundo (UPF). Trabalho produzido sob orientação do professor Dr. João Vicente Ribas.

relações trabalhistas nomeado plataformação, é retratado no enunciado jornalístico e como a composição discursiva das reportagens contribui para a construção de diferentes percepções e realidades.

Ao pensarmos o jornalismo como uma atividade essencialmente social e política, entendemos que o ofício cumpre, além da função informativa, um serviço de contribuição ao debate comum e à cidadania, além de ser uma resposta às demandas da sociedade por elucidação dos fatos e compreensão do momento histórico. Tal qual qualquer instância da atividade humana, o jornalismo está diretamente relacionado à utilização da linguagem e, em virtude do seu caráter noticioso e técnicas diretamente atreladas à produção de reportagem, podemos tomá-lo como um tipo estável de enunciado (BAKHTIN, 1997), compreendendo-o como gênero do discurso. E se a linguagem é discurso, então o jornalismo é, por consequência, um fenômeno discursivo que se institui das interações internas: do que foi dito, do que é antecipado e do que é entendido pelo receptor da informação - o que constitui o princípio dialógico da linguagem.

Uma das normas que guiam a técnica da produção jornalística, sendo, talvez a mais importante delas, auxiliando na própria definição do gênero, é a veracidade dos fatos. No entanto, mesmo pautado pela verdade, o jornalista ainda confere à reportagem recortes e escolhas enunciativas que corroboram com a construção de uma realidade delineada pelas subjetividades e posicionamentos socioideológicos do transmissor da notícia. Ao afirmar que não existe “grau zero” da informação, Charaudeau (2013) afere o jornalismo como uma prática sujeita a todo valor de crença e ao implícito, sendo assim, intrínseca às visões de mundo e vivências do autor.

Desse modo, o presente artigo se propõe a analisar uma reportagem no formato telejornalístico, veiculada pela Rede Bandeirantes, por meio da sucursal paulista da emissora, no quadro “Bora SP”. Intitulada “Entregador cadeirante encara perrengues para se mover em SP”, a matéria foi disponibilizada on-line em 27 de janeiro de 2020. Ao longo dos quatro minutos de duração do vídeo, acompanhamos um dia na rotina de um entregador do aplicativo *Uber Eats*, na cidade de São Paulo. O destaque da reportagem é o fato do trabalhador ser usuário de cadeira de rodas, razão pela qual o roteiro assume um tom capacitista de “superação”, em detrimento das dificuldades impostas pela falta de acessibilidade do meio urbano e das precárias condições de trabalho oferecidas pelo software empregador.

A partir dessa explanação, a análise se propõe a identificar, na reportagem, quais elementos reiteram determinado posicionamento por parte do emissor, partindo de uma análise discursiva – ou seja, de como a enunciação é construída, fazendo uso das reflexões propostas por Bakhtin (1997) – e quais implicações essas escolhas linguísticas representam para o receptor da informação, refutando o mito da neutralidade jornalística, uma vez que a absorção do discurso contribui para moldar percepções da realidade e podendo, inclusive, influenciar a vivência social e orientação política dos sujeitos.

Esta análise discursiva é proposta em três momentos. O primeiro traz conceitos essenciais para a compreensão do estudo, sob a perspectiva de Bakhtin (1997), tais como enunciado e discurso, além da ideia de plataformização segundo Grohmann (2020) e jornalismo informativo conforme Marques de Melo (2003). Em seguida, partimos para a análise do objeto, neste caso, da reportagem citada anteriormente. Nela, vamos observar quais marcas de discurso estão presentes nos enunciados, a partir da seleção das principais falas e enquadramento das imagens. Na terceira parte, por fim, buscaremos demonstrar o jornalismo como uma atividade dotada de vieses balizados pelo contexto sócio histórico do autor, e quais as possíveis implicações desse olhar subjetivo para os indivíduos receptores da informação – especialmente em uma conjuntura de usurpação de direitos e precarização do trabalho.

O enunciado jornalístico

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal (BAKHTIN, 1997). Ele instaura as variadas relações de sentido entre os discursos, uma vez que tomamos o enunciado como uma interação. O princípio interacional do enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas do interlocutor, ou seja, o enunciado não é pensado individualmente, mas sim a partir do que o outro (no caso da reportagem, o espectador) vai depreender do que foi dito, daí a interação.

Os outros (...) não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta (BAKHTIN, 1997, p. 321).

O jornalista, ao construir o texto da reportagem, elabora enunciados que levam em conta o já dito – ou seja, o que ele quer dizer de fato – e antecipa o não dito, isto é, presume qual sentido o ouvinte vai compreender, dessa forma, tornando-o um participante ativo do enunciado. Mas ainda que o autor possa antecipar esse sentido, qualquer antecipação, por mais completa e perfeita que seja, é sempre subjetiva (BAKHTIN, 1997). Assim, não somente a própria construção escrita ou oral do enunciado emitida pelo jornalista é dotada de uma carga ideológica, mas inclusive a sua presunção do que o outro irá entender do que foi publicado, fator que também baliza a informação que pretende transmitir, trazendo marcas das respostas e interpretações que podem ser antecipadas na escolha de palavras.

Para Bakhtin, o enunciado não pode ser compreendido fora das relações sociais que o suscitaram, pois o discurso, como fenômeno de comunicação social, é determinado por tais relações. A enunciação, portanto, é a realização do princípio dialógico da linguagem – fenômeno que se constitui por interlocuções entre os enunciados e que refratam diferentes olhares do mundo.

Princípio dialógico: o eu jornalista e o outro

Na perspectiva bakhtiniana, a dialogia é um princípio constitutivo da linguagem e intrínseco à mesma. A linguagem é o elemento que estabelece a relação entre os seres humanos e propicia a experiência da intersecção ou interação entre interlocutores

Para Bakhtin, a concepção dialógica de língua, linguagem e, até mesmo da vida, é essencial para o desenvolvimento de qualquer estudo no campo da linguagem. Para o autor, participamos constantemente de um diálogo; e a interação com o outro é inevitável, já que o "eu" constitui esse outro e é por ele constituído, ou seja, o dialogismo é o princípio básico da existência humana. O jornalista, ao constituir o "eu", só o faz em razão dos outros que o levaram à refração de uma perspectiva – suas crenças, ideologias e subjetividades.

Em Bakhtin, a noção de dialógico ou de dialogicidade aparece sob diversas formas. Uma primeira forma é a do dialogismo como sendo um princípio interno da palavra, o que significa que, no discurso, o objeto está mergulhado de valores e definições, fazendo com que o falante se depare com uma série de caminhos e vozes ao redor desse objeto.

Uma segunda forma é a dialogicidade dos enunciados, que equivale a dizer que mesmo antes da concretização de um determinado enunciado – e também posteriormente – há outros enunciados, que vêm dos outros, aos qual o próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação. O próprio locutor seria um respondente, na medida em que ele não detém o discurso pela primeira vez, ou seja, o discurso não se origina nele, mas sim vem de uma gama de outros enunciados previamente construídos.

Uma terceira forma de dialogismo é aquela construída pela emergência de várias vozes relacionadas a um tema específico, dadas pela antecipação da resposta dos outros e das possíveis respostas imaginadas por ele, em função do interlocutor e do contexto – no contexto jornalístico o autor, ao escrever uma manchete, texto, ou, nesse caso, roteiro de reportagem, já presume o sentido que aquela escolha de palavras causará no outro. Essa presunção não necessariamente se concretiza em todos os momentos, mas a ideia do que o outro (receptor da informação) vai entender, é um dos fatores que orientam a produção noticiosa.

Ao falarmos em interação verbal, as relações dialógicas são a base principal sobre a qual se apoia a linguagem nas reflexões do Círculo de Bakhtin, pois entende-se o dialogismo como o modo de funcionamento real da linguagem. Conforme Benetti (2007), o dialogismo serve ao jornalismo por dois vieses: a relação entre os discursos e a relação entre sujeitos, afinal, no jornalismo, não podemos falar somente no discurso propriamente dito, mas sim quais implicações o seu uso representa na sociedade, ainda mais ao pensarmos a profissão como determinante na orientação do ponto de vista dos indivíduos.

Portanto, não há como falar em efeitos de sentido no jornalismo sem citar o dialogismo inerente à linguagem e como esse conceito se interliga a todas as noções de expressão do “eu” que o enunciado implica, pois a língua e linguagem não são lineares, desse modo, toda a utilização destas possui um movimento dialógico que exige atitudes responsivas do interlocutor – principalmente na construção de reportagens, seja por textos orais ou escritos.

Jornalismo Informativo e marcas de personalidade

A reportagem analisada neste artigo pode ser compreendida dentro do gênero informativo do Jornalismo, no formato reportagem, conforme modelo classificatório

de Marques de Melo e Assis (2016), que estabelecem diferenças entre o formato e gênero – sendo o jornalismo opinativo e o informativo os gêneros dominantes do jornalismo, enquanto que os formatos contidos neles, de acordo com suas especificidades. O gênero informativo, por exemplo, se desdobra nos formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista.

Em consonância com o raciocínio de Bakhtin (1997), que estabelece o gênero como um tipo relativamente estável de enunciado, Melo e Assis também conferem essa característica aos formatos, uma vez que eles são “formas relativamente rígidas, fixas, que definem o modelo de atitude do espectador, antes de este se interrogar acerca de qualquer conteúdo específico” (MELO e ASSIS, 2016, p. 47). Ou seja, podemos depreender que a própria identificação do gênero e formato pelo espectador já o conduz para um tipo de leitura daquele conteúdo. No caso do presente objeto de estudo, o fato do receptor já reconhecer o vídeo como uma reportagem pode levá-lo a crer que ali haverá objetividade na informação, afinal, mesmo sem conhecimento formal, o consumidor da notícia ainda espera certa isenção por parte do jornalista – embora o ideal de imparcialidade completa não seja alcançado na prática, como veremos adiante.

Apesar disso, mesmo sem ser capaz de fugir das marcas de pessoalidade e parcialidade, a diferenciação dos gêneros informativo e opinativo é essencial pela “necessidade sociopolítica de distinguir os fatos das suas versões” (MELO, 2003, p.42). É preciso reconhecer que, ao falarmos em jornalismo opinativo, identificamos explicitamente as opiniões e vieses, enquanto que no informativo esses traços são subentendidos. Assim, apesar de estáveis, o gênero informativo ainda pode conter sinais do opinativo e vice-versa, uma vez que

admitir a convivência de categorias que correspondem a modalidades de relatos dos fatos e das ideias no espaço jornalístico não significa absolutamente desconhecer que o jornalismo continua a ser um processo social dotado de profundas implicações políticas, onde a expressão ideológica assume caráter determinante (MELO, 2003, p. 25).

Crítérios como valor-notícia, de Mauro Wolf (2003), e a teoria do lead surgem como técnicas que procuram objetivar a produção jornalística. As orientações, via de regra, guiam o autor no texto informativo, mas mesmo por meio desses artifícios, os enunciados – falados ou escritos – estão sempre submetidos às escolhas das palavras e quais efeitos de sentido geram ao interlocutor.

Plataformização das relações de trabalho

Inicialmente, o termo “uberização” foi mais popularmente utilizado para tratar das relações de trabalho surgidas a partir dos aplicativos empregadores, dada a dimensão emblemática da empresa Uber globalmente. No mundo, o Uber se tornou uma das plataformas mais conhecidas e utilizadas por consumidores e trabalhadores. No Brasil, conforme estatísticas do portal da empresa², estima-se que 1 milhão de motoristas e entregadores prestem serviços à corporação, distribuídos entre os onze produtos oferecidos – dentre eles o UberEats, categoria “que permite ao usuário solicitar refeições de maneira prática, onde quer que esteja”, como afirma a marca. O Uber está em exercício no Brasil desde 2014, mas o UberEats – serviço que emprega o trabalhador da reportagem analisada por este estudo – começou a operar em 2016.

No entanto, mais plataformas começaram a dominar o mercado dos aplicativos, principalmente nas áreas de entrega de alimentos e transporte de passageiros, tais como o iFood, Rappi, Cabify, 99, dentre outros. Assim, percebeu-se a necessidade de um termo mais abrangente que pudesse falar desta nova modalidade de trabalho, a plataformização. De acordo com Grohmann (2020), a plataformização do trabalho trata-se da “dependência que trabalhadores e consumidores passam a ter das plataformas digitais em meio a mudanças que envolvem a intensificação da flexibilização de relações e contratos de trabalho”. Isso significa dizer que ao passo que a demanda por serviços mais baratos e dinâmicos, a um clique de distância nos smartphones, foi se intensificando, cresceu também a necessidade de atrair mais trabalhadores que se submetessem a uma lógica de trabalho “sem patrão” e, portanto, “sem amarras” – uma falácia que, como observamos, concede ao empregado poucas garantias em troca de baixa remuneração. Dardot e Larval (2016) compreendem essa relação como o imperativo de uma racionalidade empreendedora, em que a sociedade e o trabalhador enxergam essa proposta de flexibilização com um olhar empreendedor, em detrimento de uma relação assalariada.

O ideal, porém, não se efetiva, como observaremos na análise da reportagem. Nela, o trabalhador, submetido às regras do UberEats, precisa entregar o alimento

² <https://www.uber.com/pt-BR/newsroom/fatos-e-dados-sobre-uber/> Acesso em 22 de outubro de 2021.

dentro do prazo estabelecido – mesmo que o transporte de ida ao restaurante e percurso ao endereço sejam de sua responsabilidade e, neste caso, o único meio de locomoção do entrevistado é sua cadeira de rodas, frente à total falta de acessibilidade das ruas urbanas da sua localidade. Além disso, o aplicativo cobra do próprio empregado a compra da bolsa térmica necessária para realização das entregas – o que já demonstra a falta de suporte e precárias condições oferecidas pela empresa. A baixa remuneração é outro fator, e talvez o principal, que torna a relação com as plataformas ainda mais abusivas. Em estudo de Filgueiras e Antunes (2016, p. 36), os autores ilustram que

as baixas remunerações são condição essencial para a submissão dos trabalhadores a longas jornadas (...) há várias evidências de que isso procede de maneira dramática (...) em que o entregador trabalhou sete dias seguidos, ficou on-line por mais de 61 horas, e recebeu apenas 212 reais.

O próprio objeto de estudo deste artigo comprova que o rendimento do trabalho não condiz com o prolongado expediente: todo o percurso de retirada e entrega do alimento resultou em pouco mais de cinco reais ao trabalhador. No mês, são em torno de 400 a 500 reais – valor que sequer se aproximava de um salário mínimo, de R\$ 1.039 à época da reportagem.

Ao acessar o portal de cadastro³ para se tornar um colaborador do UberEats, as frases “Sem chefe. Horário flexível. Ganhos rápidos.” estampam a página inicial. A plataforma tenta reproduzir uma imagem inverossímil, especialmente se pensarmos no fator algorítmico do aplicativo, que vai priorizar entregadores com a avaliação mais alta por parte dos consumidores. Ao receber uma avaliação negativa, o trabalhador é rebaixado no ranking, e assim, tem diminuição das demandas e, portanto, da remuneração – mesmo que permaneça on-line e disponível durante longos períodos de tempo.

Metodologia

A pesquisa apresentada tem por objetivo estudar o discurso presente no enunciado jornalístico ao falar sobre a plataformização do trabalho, com foco nos

³ https://www.uber.com/br/pt-br/deliver/?fbclid=IwAR0Zm2fk7_zXbnzq0HlaqdTZiuYBm7iVqgZ19FlgRa0_zyeQZOzTjkoOh0M
Acesso em 22 de outubro de 2021.

trabalhadores de aplicativos. Ao longo do estudo, iremos analisar uma reportagem de quatro minutos, no formato telejornalístico, exibida pela emissora Band, de São Paulo. O vídeo apresenta um dia na rotina de um trabalhador da plataforma de entrega UberEats e, de imediato, é possível perceber o teor glamourizado que o autor da reportagem, e posteriormente o apresentador do programa, conferem à narrativa – apesar da situação ser um evidente retrato da insegurança e fragilidade dessa categoria de empregados.

Para fundamentar a análise, foram escolhidas as reflexões de Mikhail Bakhtin (1997) acerca do princípio dialógico da linguagem e seus efeitos de sentido na construção dos enunciados, aplicados para a realidade jornalística, além dos referenciais teóricos de José Marques de Melo (2016) na conceituação dos gêneros do jornalismo.

A metodologia escolhida para operacionalizar a pesquisa é a análise de discurso. Levando em consideração os enunciados jornalísticos e como estes, por fazerem uso da linguagem, estão submetidos à sua lógica interacional, compreendemos que “o texto objetivo é apenas uma intenção do jornalista” (BENETTI, 2007, p. 108), uma vez que não se pode concretizar uma suposta neutralidade do discurso quando este é construído por infinitas vozes e interpretações ditas ou não-ditas. Analisar o discurso é, por princípio, um exercício de compreensão da linguagem e dos sujeitos, já que não é possível distanciar o emissor (jornalista) de suas perspectivas, construídas em um dado momento social e histórico, refratadas em suas produções. Para Benetti (2007, p. 110), “O jornalismo constrói sentidos sobre a realidade, em um processo de contínua e mútua interferência [...] o texto é decorrência de um movimento de forças que lhe é exterior e anterior”. Dessa maneira, o enunciado – seja dito ou escrito – não existe no vácuo, mas é consequência de enunciados previamente emitidos e daqueles antecipados pelo autor.

Com a base teórica de análise definida, partimos para nosso objeto de estudo, a reportagem “Entregador cadeirante encara perrengues para se mover em SP”, exibida e disponibilizada on-line em janeiro de 2020. A matéria fez parte da programação do quadro “Bora SP”, transmitido diariamente de segunda a sexta-feira

pela Band TV, às 6 horas da manhã. Após a exibição em rede de televisão, os VTs são disponibilizados no portal⁴ da emissora, onde podem ser acessados on-line.

Descrição e elementos do objeto de análise

A reportagem⁵ analisada é intitulada “Entregador cadeirante encara perrengues para se mover em SP” e possui 4 minutos e 20 segundos de duração. Ao acessar o link, além do título, uma breve descrição adianta o conteúdo do vídeo: “O Bora SP acompanhou um entregador cadeirante que passa por muitos perrengues nas vias da cidade para realizar a entrega da ‘quentinha’ e ganhar a vida. Confira”.

O VT apresenta um dia no cotidiano do trabalhador Luciano Oliveira, entregador do UberEats e usuário de cadeira de rodas que depende da entrega dos alimentos para possuir uma renda. A narração do repórter Pedro Pannunzio acompanha imagens que demonstram as dificuldades enfrentadas por Luciano, que não consegue se locomover com segurança pelo meio urbano em que exerce seu trabalho.

Ao tratar de um cidadão com deficiência física, a reportagem assume um tom capacitista. O capacitismo é compreendido como “uma forma de preconceito, de discriminação contra a pessoa com deficiência, faz parte da sociedade e envolve as capacidades que uma pessoa possui ou não” (MARCHESAN; CARPENEDO, 2021, p. 50), já que a matéria passa a tratar Luciano como uma espécie de herói por “enfrentar” os obstáculos do dia a dia, mesmo em condição de cadeirante, reiterando uma visão preconceituosa que coloca a deficiência como um atributo negativo, de modo que a maneira para melhorar a característica seria a sua retratação “heroica”, um valor positivo, como forma de compensar a limitação, ao invés de normalizá-la.

O VT em si possui 1 minuto e 50 segundos, sendo que a apresentação da reportagem ainda inclui os comentários do apresentador do Bora SP e também uma entrada ao vivo do jornalista responsável pela produção do conteúdo.

Estudo enunciativo da reportagem

⁴ <https://www.band.uol.com.br/noticias/bora-sp/>

⁵ <https://www.band.uol.com.br/noticias/bora-sp/videos/entregador-cadeirante-encara-perrengues-para-se-mover-em-sp.html-16750714> Acesso em 30 de agosto de 2021.

A exploração da classe trabalhadora está intrinsecamente conectada às relações trabalhistas calcadas na digitalização e à lógica da conectividade ininterrupta pela Internet e smartphones. Não somente o empregado absorve essa característica tecnológica, mas também o consumidor passou a fazer parte deste ciclo de consumo facilitado com o surgimento das plataformas: serviços rápidos, baratos e em funcionamento 24h por dia tornaram-se os maiores “empregadores” do país (EXAME, 2019), com quase 4 milhões de trabalhadores que utilizam os aplicativos Uber, 99, iFood e Rappi como fonte de renda. Além disso, os trabalhadores passam a estar submetidos a uma lógica de avaliações, rastreamento e automatização inédita, o que Grohmann (2020, p. 115) vai definir como uma gestão algorítmica do trabalho, na qual vamos destacar a característica da ilusão de autonomia que esta modalidade cria no empregado:

a intensificação das sensações de autonomia/independência no trabalho em meio ao fato de o chefe ser supostamente um “sistema”, um “aplicativo”, não uma “pessoa”, isto é, o imaginário algorítmico de neutralidade e objetividade atua em forte relação com o ideário neoliberal de empreendedorismo envolvendo gestão de desempenho, eficácia e lógicas de avaliação.

É possível observar este ideário fortemente reproduzido nas produções jornalísticas, conforme este trabalho visa analisar, em uma reportagem televisiva, na qual o discurso presente no roteiro e comentário corrobora com esta visão homogênea da categoria que compreende os trabalhadores de plataforma, sem que seja feita uma reflexão relativa às condições empregatícias oferecidas, neste caso, pelo aplicativo UberEats.

Logo no início do vídeo já é possível identificar o tom da reportagem: no GC, lê-se a frase: “Os perrengues por SP pra quentinha chegar” (Figura 1). A informalidade da legenda, aliada à construção de sentido do enunciado, tende a criar, na audiência, um pensamento antecipado daquilo que será a notícia. As dificuldades de locomoção do entregador se tornam “perrengues” que prejudicam a entrega do alimento – priorizada em detrimento das más condições da via e da falta de suporte do aplicativo.

Figura 1 – Captura de tela da reportagem no portal da Band



Fonte: Rede Bandeirantes, 2019.

O VT, que é concluído após 1 minuto e 45 segundos, ilustra alguns dos problemas enfrentados pelo trabalhador, mas com escolhas enunciativas que impedem uma compreensão mais abrangente das condições oferecidas pelas plataformas. A seguir, os enunciados emitidos pelo jornalista autor da reportagem:

a) “Não existe cadeirante no aplicativo”: a falta de uma categoria destinada às pessoas com deficiência física no software é citada. Contudo, a reportagem não propõe uma reflexão acerca da manutenção de uma política capacitista em uma das maiores empregadoras do país. Inclusive, o UberEats não chega a ser citado pelo jornalista, sendo identificável apenas pela mochila térmica do entregador (Figura 2);

Figura 2 – Captura de tela da reportagem no portal da Band



Fonte: Rede Bandeirantes, 2019

b) “Nunca conseguiu um emprego fixo na capital”: a partir da narração, pode-se presumir que o trabalhador tentou encontrar um emprego formal em São Paulo, mas nunca conseguiu, restando trabalhar para a plataforma. Esse fator evidencia como os aplicativos raramente são a primeira opção de trabalho para a população desempregada – uma contradição se observarmos, conforme citado anteriormente, a maneira como as plataformas transmitem uma mensagem de idealização quanto ao emprego oferecido. A matéria não considera o contexto de crescimento do trabalho informal no Brasil, ou mesmo a falta de um dispositivo na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) que contemple os trabalhadores vinculados às plataformas digitais.

A lacuna deixada na reportagem pela ausência de contextualização dos fatores externos, que o levaram a essa condição, constitui não-ditos que acabam por contribuir para uma compreensão limitada da realidade socioeconômica dessa categoria de trabalhadores, uma vez que as conclusões, ou antecipações, acabam ficando por conta do próprio espectador.

c) “Por dia, não faz mais que quatro entregas”: a informação, trazida no VT da reportagem, torna-se mais completa quando atrelada a outro enunciado emitido pelo repórter, para efeito de comparação entre o rendimento do labor de Luciano e o de entregadores que utilizam motocicleta ou bicicleta para efetuar as entregas: “A média deles é de vinte entregas por dia, cinco vezes mais, aproximadamente”. Essa segunda fala, no entanto, só aparece no pé da reportagem, e não no vídeo principal – fator que evidencia também uma escolha constitutiva da reportagem pelo emissor, tornando secundária uma informação que poderia de imediato contribuir para um entendimento mais amplo.

Após análise dos principais enunciados do VT, nos debruçamos sobre o comentário do jornalista e apresentador do “Bora SP”, Joel Datena, que reforça ainda mais uma visão romantizada e distorcida da categoria, em especial da realidade de Luciano. O comentário de Datena inicia ao 1 minuto e 50 segundos do vídeo e segue até o encerramento da reportagem, aos 4 minutos e 20 segundos, com uma entrada ao vivo do repórter autor. Destacamos os seguintes trechos do apresentador:

a) “A gente tem que dar os parabéns e reconhecer o cidadão batalhador como é o Luciano”: o capacitismo presente na fala do apresentador é evidente no uso da palavra “batalhador” para se referir ao trabalhador. Datena opta por colocar o entregador na posição de quem enfrenta batalhas, como se as condições

empregatícias precárias fossem uma “guerra a ser vencida”, principalmente em razão do uso da cadeira de rodas.

Nesse sentido, observamos os fatores sócio-históricos que acompanham o enunciado, refletindo marcas de uma sociedade que tende a minimizar a capacidade das pessoas com deficiência, conforme Carpenedo e Marchesan (2021, p. 50) “no caso da pessoa com deficiência, o imaginário traz à tona que essas pessoas não são capazes simplesmente por terem uma deficiência”. Assim, o discurso presente na fala do emissor é a de que Luciano se sobressai no seu trabalho “mesmo” tendo uma deficiência, o que confere a ele um *status* de “guerreiro” por esse motivo – discurso que ajuda a reproduzir uma visão acrítica da situação do trabalhador ao atribuir seus problemas ao acaso, ao invés de propor uma reflexão ou problematização do conjunto externo de fatores que resultam na sua condição precarizada.

b) “Enquanto há milhares de pessoas reclamando da vida, há pessoas como o Luciano que acordam cedo para fazer entrega, se virando, conseguindo levantar de forma honesta o sustento da família dele, ou o sustento dele, enquanto tem bandido cometendo crime (...) há um cidadão como Luciano, se superando para conseguir viver de forma honesta”: aqui, o enunciado é repleto de um viés meritocrático, que vai de encontro à lógica empreendedora vendida pelas plataformas de que o entregador é o seu próprio patrão e, portanto, a liberdade de trabalhar nos seus termos está disponível a todos, basta esforçar-se. O jornalista, ao trazer o discurso da superação do indivíduo para “batalhar” por seu sustento, não leva em consideração que, na verdade, as entregas rendem um valor que está longe de ser suficiente para o sustento ao não alcançar nem um salário mínimo.

Ainda, podemos englobar esta análise enunciativa na segunda e terceira forma de dialogismo nomeada por Bakhtin, citada anteriormente. Neste modelo, várias vozes coexistem: aquela da antecipação pelos espectadores em razão do gênero jornalístico, que já pré-determina uma expectativa em relação ao conteúdo a ser apresentado; a antecipação das possíveis respostas pelo próprio jornalista, que ao fazer certa escolha de palavras já considera quais conclusões serão depreendidas da interlocução; e também a voz do discurso anterior ao jornalista e ao interlocutor, já que nenhum dos dois detém o discurso pela primeira vez, mas sim o constroem a partir de enunciados previamente emitidos. A presunção, sempre presente na característica dialógica, não necessariamente se concretiza em todos os

momentos, mas a ideia do que o outro vai entender constitui parte importante do sentido do enunciado como um todo, pois há uma relação recíproca entre a enunciação e o interlocutor, uma vez que um não existe sem o outro. Tais escolhas enunciativas contribuem de forma contundente para que os interlocutores absorvam uma mensagem distorcida da realidade dos trabalhadores de plataforma, em que as condições precarizadas dão lugar a um suposto empreendedorismo.

Considerações finais

Diante do objetivo de analisar discursivamente como o jornalismo retrata a realidade da plataformização do trabalho, tendo como base a reportagem “Entregador cadeirante encara perrengues para se mover em SP”, da Band TV, compreendemos o conceito de plataformização e suas implicações no desenvolvimento das novas relações trabalhistas. Buscamos demonstrar, na prática, como os jornalistas envolvidos nesta reportagem contribuíram para a manutenção de uma visão hegemônica do mundo ao reproduzir a falácia empreendedora desta nova lógica empregatícia, quando a evidência é de uma categoria de trabalho em condições cada vez mais precarizadas. A importância das escolhas enunciativas – demonstradas por Bakhtin (1997) como uma interação, e, portanto, sempre realizadas antecipando a compreensão e efeito do enunciado no espectador – é inegável, principalmente ao pensarmos que o jornalista, enquanto enunciador, é responsável por transmitir um discurso aos interlocutores, podendo optar por reproduzir um viés de senso comum ou contribuir para uma realidade mais crítica e disruptiva. Afinal, se o discurso contido na construção do enunciado é uma interação direta com o espectador, a escolha de retratar de maneira romantizada uma situação exploratória poderá ser compreendida pelo outro, na ponta oposta da interação, como a normalização da lógica fragilizada do trabalho digital, apontada pelos conceitos de Grohmann (2020).

A antecipação do que será compreendido pelo público nem sempre é exata, e as subjetividades do jornalista são elementos indissociáveis de sua produção, conforme pontuou Marques de Melo (2003). Mas, apesar disso, faz-se impreterível que as escolhas enunciativas no jornalismo contribuam para um entendimento mais amplo acerca de uma modalidade trabalhista que se tornou sinônimo de precarização, levando em conta também a característica interativa dos enunciados,

ao considerarmos aquilo que o outro vai compreender, para uma futura produção noticiosa de maior reflexão e entendimento da atual conjuntura do trabalho. Para além, podemos costurar a teoria bakhtiniana ao exercício do jornalismo informativo, ao alicerçar o seu imperativo de verdade à contextualização dos fatos, que contribuirão para as diversas vozes que vão compor os futuros ditos do interlocutor, podendo ampliar não somente a sua própria compreensão de mundo, mas também qualificar o discurso que será transmitido nas interações com o outro.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020.

APPS como Uber e iFood se tornam "maior empregador" do Brasil. **Exame**, 28 de abr. de 2019. Disponível em <<https://exame.com/economia/apps-como-uber-e-ifood-sao-fonte-de-renda-de-quase-4-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em: 23 de out. de 2021.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENETTI, M. (2007). Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C; BENETTI, M. (org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, p.107-122.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Trad. Angela M. S. Correa. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **EPTIC**, v. 22, n. 1, p. 106-122, 2020.

MELO, J.M. de., ASSIS, F. de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **R. de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 39, p. 39-56, jan./abr., 2016

MARCHESAN, A.; CARPENEDO, R. F. Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Trama**, [S. l.], v. 17, n. 40, p. 56–66, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/26199>. Acesso em: 27 set. 2021.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª. ed. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1999.